



Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário de lei que regula a liberdade da imprensa)
Officina de impressão - R. da Atalaia, 151 -
Lisboa - PORTUGAL
Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. Talha - Lisboa - Telefone: 2

Medidas governativas

Muitas vezes o temos afirmado e não nos cansamos de o repetir. *A Batalha*, órgão oficial da organização operária portuguesa, encontra-se possivelmente a cada passo em situação conflituosa com os poderes públicos. E' natural que assim suceda. N'os defendemos os interesses de uma classe. O Estado tem a função de conciliar os interesses das diversas classes. Conciliar nem sempre é satisfazer. De modo que as duas por três cá estamos nós a lutar com os representantes do Estado. Não se depreenda de aí que fazemos oposição por sistema.

O ministério da presidência do sr. Domingos Pereira merece, pela sua atitude, que lhe dediquemos algumas palavras.

Sob o ponto de vista das reformas sociais, o ministério algo tem feito, embora a sua obra não prime por uma grande conexão. Por iniciativa do ex-ministro sr. Dias da Silva, o governo reconheceu, em princípio, a justiça das reivindicações operárias, das 8 horas de trabalho, do salário mínimo e do seguro social para a doença e invalidez. Não são estas reformas tão amplas quanto o deveriam ser e, mesmo assim, temos dúvidas sobre o seu exacto cumprimento.

Todavia é justo reconhecer que o sr. Dias da Silva não podia fazer, em tão pouco tempo, e num meio de certo modo lhe era hostil, mais afirmações socialistas do que as que fez. E' de lastimar, porém, que as reformas sociais não fossem precedidas pelas reformas económicas, de não menos reconhecida indispensabilidade.

Pela pasta da justiça foram promulgados dois decretos que consideramos muito importantes — o que trata da reforma do regime prisional, introduzindo a obrigatoriedade do trabalho para os condenados, construindo e modificando as cadeias existentes no país e o que se refere à assistência aos menores delinquentes e vagabundos.

A recente reforma do ensino normal e a reforma projectada do ensino primário e, segundo o consenso dos professores estudiosos e espiritos modernos e progressivos, uma obra de intuitos honestos. Está longe, naturalmente, de ser uma reforma que inteiramente nos satisfaça. E' que no que respeita à instrução primária, entre nós, muito há a fazer e muito se pode fazer.

A pasta da agricultura encontrou no sr. Jorge Nunes o competente que se necessitava. Na verdade o actual ministro da agricultura deixa uma obra a que os seus adversários políticos tem de fazer justiça. As suas medidas sobre o empacelamento da propriedade pulverizada, a arborização dos incultos e a cultura da betarraba, dão satisfação ampla a reclamações fartamente debatidas na imprensa e na tribuna, que ministros anteriores não tiveram a energia e competência para resolver. Já o mesmo não podemos dizer da acção desse ministro em relação à pasta do trabalho, que sobra internamente, onde, como importante lavrador que é, os interesses da classe operária algo tem sido ofendidos.

Sob o ponto de vista do respeito pelas liberdades públicas, não se pode, em boa verdade, dizer que o governo houvesse cometido excessos de vulto. Quando se declararam simultaneamente as greves dos operários do município, da Carris e da Companhia das Águas, esperámos — porque é hábito invariável suceder assim — que o governo perdesse a cabeça e entrasse decididamente no caminho das violências, algumas se tendo registado, ainda assim, mercê da intervenção do ministro da guerra. Fizeram-se nesse momento prisões arbitrárias e impediu-se o legal funcionamento de assembleias operárias, mas o governo não tomou a responsabilidade de tais factos que todavia não castigou.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Vá lá o reclame

No teatro Almeida Garrett, da Cova da Piedade, realiza-se no próximo sábado e pelas 20,30 horas uma recita cujo produto se destina a auxiliar José da Costa e Silva, mutilado da guerra.

Toma parte no espectáculo o grupo *Ao Asso*.

Agora o nosso justíssimo reparo: Ao acaso da esmola deprimente e vexatória, vai andar se já não anda o sobredito mutilado para quem o Estado não tem um pedaço de pão partido nas tuilhas do tesouro público.

Bem lhe basta a ele a subida honra de ter ido à guerra e voltar de lá estropeado, como tantos outros humildes desconhecidos filhos do povo que regressaram dos campos de batalha trazendo no seu bernal a glória de se deixarem estropear por uma pátria que só lhes pertence para defender os patriotas de facto que não tem tempo para arriscar a pele na defesa dos seus interesses e das suas pessoas.

Ditosos filhos da pátria que levam vida alegre e regalada sem provarem uma só vez o pão excrementício, abominável, indigesto e mortífero que os potenciais do povo a peso de ouro, de complicitade com o Estado providência, dos patifes de póipa, e algoz implacável dos produtores da riqueza... alheia.

Ditosos pátria, que tal Estado tem!

Ulianof-Lénine

Temos diante dos olhos a versão inglesa dum trabalho de Vladimir Ilyich, mais conhecido por Ulianof-Lénine ou simplesmente Lénine: *The collapse of the second international*. E antes de começar a leitura da obra do discutidíssimo chefe da revolução russa, damos-nos a olhar-lhe o retrato autêntico, estampado ao princípio da brochura, procurando surprender uma psicologia no exame daqueles traços invulgares. A fronte alta, o queixo largo, uma expressão mongólica no olhar, e um conjunto revelador, mesmo para os que, como nós, não são fisionomistas, de inquebrantável energia e de uma tenacidade indomável. Tomam-lhe os lábios um jeito que tanto pôde supor-se o prelúdio dum sorriso complacente como o início duma determinação firme. Em todo o caso, não deve Lénine grandes favores à natureza, e não foi por certo o seu parecer que lhe granjeou adeptos. Uma figura notável, apesar de tudo, embora possa, rebuscando bem, encontrar-se insuficiências na sua obra grandiosa.

A guerra vermelha

A imprensa burguesa, a respeito da guerra infame contra a Rússia e a Hungria socialistas, continuam com a sua política de mentira e de jesuitismo: inventam, ou engrandecem derrotas, calam ou apocam vitórias, falsificam, emburruam, misturam.

Falou ela da revolução socialista vitoriosa na Ucrânia, na Bessarábia, na Bulgária?

E porque se calou ela sobre a marcha triunfante, irresistível, das ordas choco-eslovascas, lugo-eslavas e romenas sobre Budapeszt? E porque fala dum pretensão governamental de Arad, o qual na Hungria tem tanto prestígio e força como em Portugal... os miguelistas?

E porque inventou ela a tomada de Samara pelo almirante Kolichak, o feroz ditador siberiano?

Não só não tomou, mas o seu exército, a cerca de cem milhas a leste daquela cidade, nada menos, sofreu um grave desastre, ficando aniquilada uma brigada da quarta divisão de Ufa e apodando-se o exército vermelho da cidade de Bugulma. Houve também vitórias bocheviscas na frente de Orenburg e é falso, que Uralsk tivesse sido abandonada.

Na vastíssima frente em que combate o exército vermelho são bem naturais os recuos e oscilações. A revolução russa domina e ocupa um imenso território, de que Moscú é o coração. A própria Hungria socialista, entretanto, é bem acessível, tem a vida dura.

E depois uma revolução tem o diabo no corpo: mesmo depois de morta, continua a germinar e a alastrar... Há quanto tempo a não dizem esmagada e agonizante!

LÁ POR FORA

TCHECO-ESLOVAQUIA

Paderewski em Praga

PRAGA, 26. — Chegou Paderewski, presidente do conselho de ministros da Polónia, que foi recebido pelo sr. Masarski, presidente do conselho da Tcheco-Eslováquia. — H.

JAVA

Um vulcão em actividade

PARIS, 26. — Um telegrama de Amsterdã para a *Liberti* diz que entrou em actividade um dos vulcões da ilha de Java, havendo 20 povoações destruídas na região de Bregat e o muito danificadas. Na mesma região há muitas povoações quasi arrasadas. Na região de Blitan calcula-se que os mortos ascendam a 15.000. — H.

AUSTRIA

O Tirol reclama a independência

INNSBRUCK, 26. — A assembleia da Liga dos Aldeões do Tirol votou uma moção reclamando a independência do Tirol e repellido que se pretenda dispor dos destinos do Tirol, sem consultar, por meio de um plebiscito. — H.

O próximo congresso

Estamos a 80 dias da realização do Congresso Operário, e não obstante a sua realização dar-se num momento excepcional da vida dos povos, pouco se tem dito a tal respeito. E é fora de dúvida que muito há a dizer sobre o assunto.

Pondo de parte a situação confusa da Rússia, da Hungria, e da Alemanha, vemos que na Itália, na França e na Inglaterra, as forças socialistas se apressam para dirigir os destinos dos povos. Entre nós, o Partido Socialista Português e os agrupamentos comunistas anarquistas movimentam-se, traçam planos de acção e de realização, aguardando os acontecimentos externos.

E nós, os socialistas que não actuamos fora da organização operária devemos permanecer silenciosos? Não, nos cumpre agora, mais do que nunca, traçarmos um programa de realizações imediatas, fazendo pesar a nossa influência em todas as reformas de carácter administrativo, educativo, económico, etc. Não nos cumpre enunciar as bases da remodelação social que julgamos indispensável para garantir a emancipação integral dos trabalhadores?

Temos afirmado que a finalidade do sindicalismo — compreendido o sindicalismo como a organização, a acção e as tendências da classe operária — é a abolição do patronato e do Estado nas suas formas históricas. Mas não se disse ainda, em nenhum dos nossos congressos operários, como se reconstituía a vida social nos seus variados aspectos, uma vez abolidos o regime patronal e o Estado histórico.

Em que ficamos? O camião no colectivismo ou no comunismo-anarquista? Entendemos, e essa opinião vimos manifestando há muito tempo, que o sindicalismo é uma escola socialista como qualquer outra. Deve assinalar o seu critério quanto ao movimento reformista, que é necessário aclarar dentro da organização social vigente e definir os seus projectos de organização social futura.

A propaganda negativista está feita. Basta de lançar lenha na fogueira que bem nos pode queimar a todos. E' preciso entrar decididamente na obra de reconstrução social.

De harmonia com o que fica exposto somos de parecer que há toda a utilidade em no próximo Congresso se pronunciar sobre os seguintes pontos:

1.º — O Congresso reconhece a subida vanguarda da união sindical de todos os trabalhadores, quer os das profissões liberais, quer os dos officios manuaes, considerando uns e outros no mesmo pé de igualdade perante o dever que assiste à Central dos Sindicatos de defender os seus interesses morais e materiais.

2.º — O Congresso reconhece a abolição do patronato e do Estado nas suas formas históricas, considerando uns e outros no mesmo pé de igualdade perante o dever que assiste à Central dos Sindicatos de defender os seus interesses morais e materiais.

3.º — O Congresso reconhece a abolição do patronato e do Estado nas suas formas históricas, considerando uns e outros no mesmo pé de igualdade perante o dever que assiste à Central dos Sindicatos de defender os seus interesses morais e materiais.

4.º — O Congresso reconhece a abolição do patronato e do Estado nas suas formas históricas, considerando uns e outros no mesmo pé de igualdade perante o dever que assiste à Central dos Sindicatos de defender os seus interesses morais e materiais.

5.º — O Congresso reconhece a abolição do patronato e do Estado nas suas formas históricas, considerando uns e outros no mesmo pé de igualdade perante o dever que assiste à Central dos Sindicatos de defender os seus interesses morais e materiais.

6.º — O Congresso reconhece a abolição do patronato e do Estado nas suas formas históricas, considerando uns e outros no mesmo pé de igualdade perante o dever que assiste à Central dos Sindicatos de defender os seus interesses morais e materiais.

7.º — O Congresso reconhece a abolição do patronato e do Estado nas suas formas históricas, considerando uns e outros no mesmo pé de igualdade perante o dever que assiste à Central dos Sindicatos de defender os seus interesses morais e materiais.

8.º — O Congresso reconhece a abolição do patronato e do Estado nas suas formas históricas, considerando uns e outros no mesmo pé de igualdade perante o dever que assiste à Central dos Sindicatos de defender os seus interesses morais e materiais.

9.º — O Congresso reconhece a abolição do patronato e do Estado nas suas formas históricas, considerando uns e outros no mesmo pé de igualdade perante o dever que assiste à Central dos Sindicatos de defender os seus interesses morais e materiais.

10.º — O Congresso reconhece a abolição do patronato e do Estado nas suas formas históricas, considerando uns e outros no mesmo pé de igualdade perante o dever que assiste à Central dos Sindicatos de defender os seus interesses morais e materiais.

11.º — O Congresso reconhece a abolição do patronato e do Estado nas suas formas históricas, considerando uns e outros no mesmo pé de igualdade perante o dever que assiste à Central dos Sindicatos de defender os seus interesses morais e materiais.

A CONQUISTA DO AR

A travessia aerea DO ATLANTICO

Chegou ontem pelas 21,2, o avião "N. C. 4"

A população de Lisboa que há dez dias aguardava a chegada dos hidroaviões americanos que se atreveram à audaciosa travessia do Atlântico, viu ontem a sua curiosidade satisfeita. Cerca do meio dia, os vasos de guerra americanos surtos no Tejo, deram o sinal da partida do "N. C. 4", um hidroplano que completou o "raid" Terra Nova - Açores - Lisboa, do arquipélago açorense, partida que se effectou pelas 11,17. Imediatamente começaram afluindo aos pontos altos da cidade e à margem do rio, numerosos populares que, pacientemente e na mira de alcançar um bom ponto de observação, durante longas horas aguardaram a chegada do "N. C. 4". Junto da estátua equestre de D. José, via-se um quadro negro, onde era registada a hora a que o avião passava pelas 14 estações estabelecidas entre os Açores e Lisboa.

Logo que os navios americanos deram sinal com as sirenes, embarcaram em arco, no que foram emitidos pelos barcos de guerra portugueses, apresentando então o Tejo um aspecto festivo. O rio esteve durante a tarde com uma animação fora do vulgar, principalmente devido aos inúmeros "gazelinos" que constantemente cruzavam em várias direcções e principalmente dos costados do cruzador "Rocheester" para o cais das Colunas e vice-versa. A bordo do "Rocheester" reinava também grande entusiasmo, ultimando-se os preparativos para a recepção aos intrépidos aviadores. O tombadilho, a ré, achava-se visivelmente engalanado com bandeiras das nações aliadas e grandes vasos com palmeiras, tendo também sido ornamentado o "Shommut", outro barco de guerra americano, que há dias se encontra fundeado, em frente a Santa Apolónia, na parte abrangida pelo mar da Pátria.

No Terreiro do Paço e junto ao cais das colunas foi montado um serviço de polícia, a fim de evitar que o povo obstruísse a parte do cais destinada ao embarque das diversas individualidades convidadas a assistir de bordo do "Rocheester" a chegada do hidroavião. A bordo de outro barco de guerra encontravam-se os membros do governo, comitê diplomático e officialidade de terra e mar.

Pelas 18,20 um novo toque de sirenes, evolucionando sobre o Tejo dois hidroplanos portugueses. Eram 20,57, quando pela última vez tocam as sirenes, avisando estar o "N. C. 4" a vista, começando nessa altura a cair a noite. Effectivamente, minutos depois, o "N. C. 4", acompanhado dos hidroplanos portugueses, tornou-se visível, à vista descoberta, realizando a amarisagem pelas 21 horas e 2 minutos, salvando os vasos de guerra americanos e nacionais com uma salva de 21 tiros.

O "Rocheester" encontrava-se esplendidamente iluminado, sendo a tripulação do "N. C. 4", que era tripulada pelos pilotos Rodd, Stone e Hinn; telegrafistas Rodd, Howard e Breese, piloto de reserva, que tiveram uma recepção cordialíssima.

Duas propostas da Câmara Municipal

Na sua sessão de ontem à noite, a Comissão Administrativa, por aclamação, aprovou as seguintes propostas apresentadas pelo vogal sr. Barros, que se referiu à chegada, ao Tejo, do avião N. C. 4:

Propõe que, associando-se ao regozijante universal que resulta do facto culminante que acaba de se realizar, e como reconhecimento da honra que coube a esta cidade de ser o ponto terminus de tão laboriosa viagem, esta Câmara mande cunhar uma medalha de ouro que, comemorando a primeira travessia aerea do Atlântico, seja em sessão pública e como preito de homenagem da cidade de Lisboa, colocada ao pé do bravo aviador que levou a cabo tão imperceptível feito.

Esta medalha terá no verso as armas da cidade e no reverso uma dedicatória que consagre o heroísmo do piloto norte-americano.

Referiram-se também à chegada do hidroavião, ao Tejo, salientando o alcance desse facto, os srs. Magalhães Peloto, Zacarias Gomes de Lima e dr. Costa Júnior.

Hawker salvo?

LONDRES, 25. — O pósto rádio-telegráfico do Lloyd em Butt of Lewis, na Escócia, telegrafou esta manhã às 8,25 que o "steamer" dinamarquês "Mary" em viagem para Leste, assinalou. Salvados a tripulação do aeroplano "Sopwith". O pósto perguntou: E o de Hawker? O navio respondeu que sim. O "steamer" tinha partido de Nova Orleans no dia 28 de Abril com destino a Horsens, na Dinamarca.

O almirantado anunciou que vai empregar todos os esforços para encontrar o navio e adquirir a certeza do facto. H.

A história do "terrassier," HUBERT

Um domingo, pela manhã, o eco de uma voz potente troava na Bólsa do Trabalho de Paris. Que succede? perguntámos.

— E' Hubert que fala aos terrassiers (1). Hubert... Os terrassiers... Todo o fogo revolucionário estava nestas palavras de Hubert: «Avante, terrassiers! Quando vós empredeis a marcha, não há poder capaz de vos deter».

A polícia buscava a sua presa quando dos inícios da guerra; porém, ao chegar a Belleville, os terrassiers espalharam o pânico entre a malta policesca. Tem-o dito e com razão: *Quand le bâtiment va, tout va*.

Hubert tem 44 anos e nasceu em Ambrières, povo de Mayenne. As recordações da infância são tristes, como as de todos os filhos do trabalho. Foi à escola, onde sentiu um grande horror ao catecismo, pretextando que não queria aprender o que não entende. A sua vida é uma série ininterrupta de misérias e privações; durante a sua mocidade, sempre à procura de trabalho, percorreu, a pé, toda a França e Bélgica.

Chegado a Paris, rebelde pelas misérias vividas, quer saber se há um remédio para as dores humanas; frequenta os grupos anarquistas e assiste às suas reuniões. Em 1904 entra no Sindicato, a sua vida de militante começa. Em 1911 é nomeado para fazer parte da missão francesa que vai afirmar em Berlim a sua vontade pacifista. No regresso encontra o Sindicato em crise pelo rude golpe da greve de Oust Etat. Os seus camaradas elegem-no secretário do Sindicato em desorganização e organiza, imediatamente, uma assembleia na cooperativa de Clichy. Hubert fala às massas, convencendo-as a que se reintegrem no Sindicato. Seis meses depois conseguiu agrupar a uma reunião-monstro, na Sala Wagram, mais de 6.000 sindicatos. Em 1913, quando das campanhas anti-militaristas e do *Son da soldat*, bateu o record dos propagandistas, tomando parte em 180 comícios consecutivos, do que resultou ser encarcerado. Depois, a guerra. Ele não quer ir para a guerra; procura, de todas as formas, salvar a organização operária — e salva-a. O governo utiliza todos os meios para o aniquilar.

Um dia, trabalhava-se na defesa de Paris, dirigia-se Hubert para casa, quando um indivíduo, de revólver em punho, ataca-o pelas costas e diz-lhe: «Em nome do povo francês, está preso!» Tinha-se feito ouvir o boato de que Hubert era um espíto. Os terrassiers saem das trincheiras, armados de picaretas e enchaços e impedem a violência; o official reconhece o erro do commissário e deixa-o livre e sem denuncia aos juizes como anti-militarista. E' perante o Conselho de Guerra, praguejando-lhe: «Se não queres ir para a guerra?»

— E sou agora — responde Hubert — se foi para isto que me fizeram vir aqui, diga-me o senhor quais são as suas teorias e eu lhe exporei as minhas.

O acusador fica petrificado, sem saber que responder — condenam-o a um mês de prisão. Adquire a liberdade, mais greve na Terrasse, que obtem satisfação.

Digamos bem alto o governo de Clemenceau tem-lhe medo! O sindicato dos terrassiers foi o primeiro a votar uma ordem do dia contra a guerra e a aderir ao Comité de Relações Internacionais e de Defesa Sindicalista, recusando a subvencção municipal.

Hubert entende que os Sindicatos e os homens não se elevam por si sós, não tem valor real. Saito da terrível escola da miséria; criança demasiado pobre para adquirir um livro; camilante solitário, na grande estrada, só aprendeu no livro da vida. E' um simples e rude trabalhador que trabalha sem trégua, sem descanso. Reforçado, atlético, gigantesco, tem, porém, um coração de criança. Quando na magna reunião de Nanterre se dirigia a mais de 150.000 operários, incitando-os à Revolução e a constituir em Paris os soviets revolucionários, como na Rússia, recordou as amarguras da guerra, o sacrificio da humanidade... e terminou o seu discurso entre soluços...

Um bravo coração, um homem bravo Tal é o secretário dos terrassiers de Paris.

M. BUENACARA.

(1) Terrassiers: os operários empregados na construção de linhas férreas; cavadores de túneis, alcoeres, trincheiras e almalheas.

A última da "Emboscada"

Amãnhã, em festa artística de Robles Monteiro

E' amãnhã, com a despedida da admirável peça, *A Emboscada*, que o distinto actor Robles Monteiro realiza a sua festa artística. O espectáculo não despertou um entusiasmo notável, já pela excelência do desempenho em que se destaca o papel de Robles Monteiro, já pela beleza da peça, tão querida do público.

Continuam à venda, na administração de *A Batalha*, alguns bilhetes de geral e balcão que aquele artista nos ofereceu e cujo produto nos destinamos às famílias dos operários deportados.

EM ITÁLIA

Uma missão da Abissínia

TARENTO, 26. — Chegou a missão da Abissínia dirigindo-se para Roma a felicitar o rei Vitor Manuel pela vitória dos aliados. — H.

